

Teologia da missão urbana a partir da trajetória da IECLB Roteiro para um estudo¹

Roberto Zwetsch
Faculdades EST

“Esse espaço urbano é a contradição concreta [...].
O urbano? É um campo de tensões altamente complexo”.

H. Lefbvre, 2004.

Introdução – amar a cidade – amar o povo da cidade

1. Retrospectiva histórica – situando-nos no tempo
2. Teologia da missão – alguns conceitos
3. Contexto urbano: complexidade e oportunidades
4. Caminhar na cidade: o testemunho da *presença*
5. Acolher o povo da cidade: *comunidade* que liberta e consola
6. O poder da imaginação: utopia urbana e a *teologia* da evangelização no contexto urbano
7. Uma hermenêutica bíblica a partir dos desafios urbanos
8. Passos concretos para um Projeto de Missão Urbana (Carta de Passo Fundo – 2011)

Introdução– amar a cidade – amar o povo da cidade

Tem uma palavra de Jesus sobre Jerusalém que é lamento, mas também é poesia. É uma declaração de amor pela cidade e por seus habitantes.

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos (e filhas), como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta.”
(Mateus 23.37s)

Por esta cidade, ele chorou e deu a vida.

Entendo que só se pode falar em teologia da cidade ou teologia da missão urbana se tivermos um alto apreço pela cidade e por seu povo. Este é o ponto de partida. Sem esta relação de amor, respeito, solidariedade para com a cidade não há como desenvolver um pensamento e uma prática condizentes com a complexidade e a dinâmica da cidade. Na verdade, a cidade - como a conhecemos hoje - é um fenômeno antigo na humanidade mas que ganha contornos completamente novos a partir da Revolução Industrial e, sobretudo, do século 20 que viu nascer a prevalência do mundo urbano sobre o do campo e dominou a história humana até bem pouco tempo. Somos pessoas que nascemos e vivemos neste mundo novo ou *admirável mundo novo* como escreveu um Aldous Huxley em 1932. Ele

¹ Este texto é um esboço apresentado na 1ª Etapa do Curso de Extensão sobre Missão Urbana (17/04/2012), organizado por Faculdades EST em conjunto com o Sínodo Rio dos Sinos. Ele apresenta um roteiro para um estudo ainda em andamento. Não se destina à publicação, mas apenas como instrumento de reflexão e debate com ministros, ministras e lideranças de comunidade que participam do referido curso.

não viu o que nós estamos acompanhando hoje entre estarecidos e deslumbrados. Mas teve a grande intuição.

Por isto, desejo iniciar nosso curso com dois poemas contemporâneos:

O Mapa

Mario Quintana

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(É nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...

O outro é de Charles Kiefer:

Uma cidade, amada, não existe
No espaço, nem se faz de ruelas escuras
Ou avenidas orvalhadas.
Uma cidade é mais que um conjunto
De edifícios, ou não é nada.
Uma cidade é um estado de espírito,
Uma esperança,

Uma paixão enrodilhada
Num desvão de escada.
Uma cidade, amada, é uma saudade.

Diante dos poetas da cidade, volto a um profeta bíblico que também, a seu modo, desafiou-nos a termos uma relação solidária com a cidade, ainda que estrangeira e espaço de dominadores do povo. O texto faz parte de uma carta que Jeremias enviou aos cativos da Babilônia. É palavra de Deus para os exilados. Observem a poesia com que ela foi escrita:

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados que eu deportei de Jerusalém para a Babilônia:

Edificai casas e habitai nelas;
Plantai pomares e comei o seu fruto.
Tomai esposas e gerai filhos e filhas,
Tomai esposas para vossos filhos,
E dai vossas filhas a maridos,
Para que tenham filhos e filhas;
Multiplicai-vos aí, e não vos diminuais.
Procurai a paz da cidade, para onde vos desterrei,
E orai por ela ao Senhor;
Porque, na sua paz, vós tereis paz.”

(Jeremias 29.4-7)

Não deixa de ser estranha esta palavra que Jeremias diz aos exilados da Babilônia como palavra de Deus. É como se as pessoas oprimidas devessem conformar-se com sua situação de impotência. Ao refletir melhor, quem sabe Jeremias simplesmente ensina que, numa situação limite em que a relação de forças é completamente desigual e as chances de libertação política são mínimas, é mais prudente e inteligente sobreviver com relativa dignidade.

Só assim, possivelmente, consegue-se acumular forças para uma ação mais contundente no futuro. Enquanto a dominação impõe-se, então, edifiquemos casas, casemos e tenhamos filhos e filhas, construamos parentesco com quem se aproxima de nós, multipliquemos nossas forças, frutos, vinhas, preparando-nos para passos que agora não podemos dar. Isto, no entanto, não como enganação ou mero interesse próprio ou de grupo. Jeremias coloca estas recomendações sob o arco de uma aliança pela paz (*beritshalom*), como palavra de Deus! Procurar a paz da cidade, orar por ela, é algo digno diante de Deus e dos demais moradores da cidade. E isto simplesmente porque *se a paz instaura-se na cidade, também nós viveremos em paz!* A paz da cidade é um bem maior e, por ele, vale a pena todo nosso empenho, esforço e oração!

Coloco estes poemas na abertura do nosso curso e também a carta de Jeremias, pois penso que aqui trabalharemos não apenas porque temos um Plano Estratégico para colocar em prática e por meio dele renovar a vida da igreja, de suas comunidades mas também porque desejamos estimular e despertar lideranças, alcançar novos membros, que buscam o sentido de vida e a quem temos algo muito importante a oferecer e a anunciar: o evangelho da vida, da salvação e da liberdade em Cristo. Isto é verdadeiro, essencial até e chegaremos lá, sem dúvida.

Contudo, o que parece importante mencionar, desde o início, é que há algo anterior a este Plano e posterior a ele, que resiste às melhores intenções com que integramo-nos à missão

urbana. É esta premissa, por vezes, deixada entre parênteses que imagino importante trazer à luz desde o início neste Curso.

Empenhar-nos-emos pela paz da cidade, visto que há um amor que funda a cidade e este é o amor de Deus. Por isso, quem confessa que ama a Deus a quem NÃO vê, precisa qualificar o seu amor aos irmãos e irmãs a quem VÊ, com quem convive e reparte a vida urbana (1 João 4.20s). O amor à cidade, portanto, não é um amor meramente romântico, como talvez os poemas possam nos induzir a pensar.

É um sentimento concreto, que se traduz em ações de solidariedade e criatividade (Ex. os jovens da IECLB, neste ano, decidiram trabalhar no sentido de uma *criatidade* e isto em relação ao cuidado com a natureza e o meio ambiente! Muito bom isto!). Podemos traduzir este tipo de amor em linguagem política por ações *cidadãs*.

Logo, a teologia da missão urbana começa com uma ação que não é nossa, mas a partir da qual somos engajados, incorporados e enviados a uma *caminhada de fé e vida* para que haja *paz* na cidade, a fim de que cresça, seja um lugar habitável e digno de nele construirmos nossa vida e nossa história, ter filhos e filhas, edificar, plantar, sonhar e criar um novo mundo para nós mesmos, vizinhos e todo o povo.

A ação que dá fundamento à teologia da missão na cidade é o amor de Deus pela cidade e por seu povo. Assim, entendo o famoso dito do evangelho de João que é tão repetido nos meios evangélicos e no contexto da evangelização: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira [...]” (João 3.16s). Segundo David Bosch, este versículo poderia ser entendido como o principal motivo missionário da igreja cristã nos três primeiros séculos. Justamente num período em que a igreja cristã era minoritária e perseguida nas cidades do Império romano. Mais adiante, temos de assimilar as ideias veiculadas às consequências desse fato para o entendimento do que vem a ser *missão* e como a assumimos em nosso ministério como comunidades cristãs no contexto urbano, no lugar em que nos cabe ser *povo de Deus, povo de testemunhas*.

1 – Retrospectiva histórica – situando-nos no tempo

Uma premissa importante é assumirmos o fato de que somos igreja com uma história neste país. Uma história rica e contraditória, feliz e infeliz ao mesmo tempo, mas ao fim e ao cabo, *nossa*. Entre as finalidades deste curso, não se inclui a de resgatarmos o passado. Simplesmente desejo fazer um passeio pelas últimas décadas para que nos apropriemos do nosso tema – *a missão urbana* – como um motivo que já vem de décadas e que nós hoje pretendemos retomar com uma ênfase atual, que nos desafia a ser igreja na cidade talvez com cara e jeito novo, quesitos que ainda não estão perfeitamente delineados, mas que, aos poucos, descobrimos e formamos a partir da *prática missionária*.

Para este retrospecto, então, cito alguns elementos da trajetória da *missão urbana*, como se delineou na caminhada da IECLB no país e deste Sínodo. Chamo a atenção para algumas características marcantes que nos legaram movimentos, estruturas, quem sabe, inspirações. Assim, ao assumirmos a nossa responsabilidade pelo presente, não deixamos de reconhecer o esforço dos que nos precederam, procuramos compreender suas ações e sonhos e inspiramo-nos também por sua fé e prática evangélica.

Como temos muitos colegas que conhecem esta história na IECLB, é importante que se sintam desafiados e convidados a complementar e comentar esta retrospectiva. Sei que

os pontos que anotei estão incompletos e não quero ser injusto com ninguém. Este é um diálogo importante, pois nos ajuda não só a recordar do passado, mas a entendermos o presente como se apresenta neste Sínodo e quais as possibilidades para novos e importantes passos na direção da *ação missionária*.

Pensei em trabalhar por décadas, a partir da década de 1960, que, segundo me consta, registra uma das primeiras experiências de missão explicitamente urbana na IECLB e os seus desdobramentos em termos de ação comunitária e abrangência do ministério pastoral. Coloco também fatos que situam o contexto maior (político, econômico, cultural, religioso) em que se deu a presença e a atuação da igreja.

Década de 1960

Contexto maior: Anos JK: “Desenvolvimento” – 50 anos em 5 – 1961 – Brasília. Eleição de Jânio Quadros e Renúncia – Crise de 1961: Brizola e a Legalidade – Governo João Goulart – Jango: Reformas de Base – 1964: Golpe militar e instauração da Ditadura. 1961: Revolução Cubana (Fidel Castro) – Construção do Muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria (EUA x URSS). 1966: Revolução Cultural na China de Mao – 1968 – Revolução estudantil (Maio – Paris: “É proibido proibir”) – Anos rebeldes: Revolução cultural – Símbolo: pílula e Revolução sexual. 1967: Criação da FUNAI – 1969: Golpe dentro do golpe – AI 5 – recrudescimento da ditadura: prisões, tortura, fechamento do regime, total falta de liberdade. TV: começa TV a cores no Brasil. MPB – Tropicália (1967) – Brasil: 1962 – Conferência do Nordeste (CEB) Tema: “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”. Contribuição da teologia da revolução de Richard Shaull (presbiteriano); América Latina – 1968: Conferência dos Bispos Católicos em Medellín (Documento importante para a Teologia da Libertação)

- Programa de Mordomia Cristã (EUA, FLM) – P. Gustav Reusch, P. Germano Burger, Milton Olson.
- Programa de Evangelização – P. Alcides Juksch, P. John Aamot (NH)
- Grupos ECO (Estudar, Compartilhar, Orar) – aceitar a Cristo, processo de conversão (C. Lichtler, p. 60) – Tripé: Evangelização – Pediatria – Treinamento Espiritual – Ascensão do Movimento leigo na IECLB
- 1968 – Curso Intensivo de Vocações Tardias (25 Pastores auxiliares que trabalham e estudam)
- Abertura para novas formas de pastorado: Navegadores (Jim Petersen) e o início da pastoral entre universitários (P. Aldo Berndt – Florianópolis)
- Movimento dos grupos ECO se espalha pelo RS e outros estados – Concentrações (1971 em diante). NH: Grupo chave (P. John Aamot, Carlos Lichtler, Douglas Wehmuth, outros).

Década de 1970

Contexto maior: Governo Médici – Transamazônica – Grandes hidrelétricas – Repressão aos Movimentos Sindicais, sociais – Questão Indígena: 1978 – Luta contra a Emancipação (das terras) – 1977 – Retorno do Movimento Estudantil – 1978 – Grandes greves operárias do ABC – Surge um novo líder: Lula – Derrotas do movimento popular – Crescimento da resistência: Por liberdades democráticas! 1974 - Geisel presidente: P. Gottschald pede audiência. 1973 – Golpe no Chile contra Allende – EUA é derrotado no Vietnã. 1979 – Revolução dos Aiatolás no Irã. MPB – Festivais projetam músicas de protesto. Projeto de Anistia (1979): volta de exilados (Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Brizola, outros). 1978: eleição

do Papa João Paulo II. 1979: Revolução Sandinista na Nicarágua. Patrulhamento às Igrejas pelos militares. América Latina: 1971: Gustavo Gutiérrez publica *Teología de la liberación*; 1971, Cochabamba, Bolívia: Fraternidade Teológica Latino-Americana; 1972: Leonardo Boff: *Jesus Cristo libertador*; 1972: Encontro de El Escorial (Espanha): teólogos da TdL, entre eles, José MíguezBonino e Julio de Santa Ana; 1975: Juan Luis Segundo, *Liberación de la teología*; 1975: José MíguezBonino: *Doing Theology in a Revolutionary Situation* (o livro de Míguez B. só iria sair em espanhol em 1977, em Salamanca, Espanha: *La fe em busca de eficácia*. Em português a Editora Sinodal publicou a tradução somente em 1987: *A fé em busca de eficácia*.

- 1970 – Crise da transferência da Assembleia da FLM de Porto Alegre para Evian - Concílio da IECLB – Manifesto de Curitiba
- Programa da *Missão Suburbana* (Curitiba – P. F. Gierus; Porto Alegre – P. Adelário Mueller)
- Alvorada, 1970: experiência inédita do P. Roberto Wellmann
- 1974 – Concílio Geral Panambi: “Comunidade missionária” – células orgânicas!
- 1976 – Nasce o Movimento Encontro a partir das Concentrações dos Grupos ECO da década anterior – Tripé: Evangelização – Discipulado – Treinamento. 1974 – P. ReynoldoFrenzel assume Canoas. 1975 – P. Sérgio Schaeffer em Scharlau - 1978 – HelvinoPufal assume em tempo integral a coordenação leiga do ME (dez anos!).
- Faculdade de Teologia: “virada” para uma teologia inserida no chão brasileiro. Cresce número de docentes brasileiros.
- RE IV – P. Regional Augusto E. Kunert – desenvolvimento comunitário – Kunert é eleito depois P. Presidente sucedendo P. Gottshcald – Inserção da IECLB no movimento de resistência à Ditadura – 1975: Morte de Valdimir Herzog em SP sob tortura: grande manifestação ecumênica na Sé de SP com D. Paulo Evaristo. Kunert faz-se presente - total novidade.
- RE IV – Gestão do P. H. Kirchheim – Assessoria Teológica: Günter Wehrmann; Grupos de trabalho – 1977 - Programa do Catecumenato Permanente
- IECLB – criação do CEM – Centro de Elaboração de Material que terá importante papel na década seguinte
- Curso Redescoberta do Evangelho (espalha-se por toda a IECLB) – P. UlricoSperb (começou no final dos anos 60)
- PIAI
- 1979 – Munil em Floripa (João Klug, leigo, tempo integral)
- Secretaria de Comunicação, conselho de Comunicação, Estúdio ISAEC em PA, rádios e programas de meditação diários para toda IECLB!

Década de 1980

Contexto maior: Início do processo de Abertura do Regime Militar: lenta, gradual e irrestrita (Governo Geisel) — Gestão do P. Figueiredo – Fim do Regime Militar – Ascenso dos movimentos populares: Movimento Sindical – MST (1982) – Movimento Indígena – Movimento de Mulheres – Movimento Negro – 1985: Eleição de Tancredo – Quem assume é Sarney (1985/1989) – Plano Cruzado (1986) – Processo da Constituinte – 1988: “Constituição Cidadã” – Nova República (U. Guimarães) - Derrotas sucessivas do PT, mas surge o OP a partir de Porto Alegre (1989, Olívio Dutra) – 1989 – Queda do Muro de Berlim. 1989: Eleição de Collor – Impeachment, novidade na história política brasileira. América Latina – 1981: L. Boff publica *Igreja: carisma e poder*, livro que o condenou a um ano de silêncio por medida da Sagrada Congregação da Fé de Roma (Cardeal Ratzinger, atual Papa Bento XVI).

- IECLB – P. Kunert avança para uma igreja inserida no contexto brasileiro com uma proposta missionária – Secretaria de Missão: P. F. Gierus, P. Rui Bernhard. 1982: Terra de Deus – Terra para todos (Reforma Agrária)
- Diaconia transformadora – inserção das irmãs da Casa Matriz em bairros e periferias urbanas – Exemplos: Rondônia, Balsas, MA, Gravatá, PE.
- EST: docente Milton Schwantes vai morar na periferia de SL.
- Estudantes da EST na periferia de SL. Experiência da vila Antonio Leite.
- PPL – Pastoral Popular Luterana e movimentos populares – Grupos de base – Participação política – Espiritualidade de libertação (*Semente de esperança*)
- ME – consolidação – Grandes eventos nos Retiros de Carnaval – Eixo articulador: NH, Canoas – São Leopoldo – Porto Alegre – Pelotas. 1985 – 1º Encontro nacional. Curso Bíblico Teológico de Base (1987) – P. Reynoldo Frenzel e P. Gerson Fischer – formação de lideranças leigas - 1988 – P. Valdir Steuernagel em Canoas (impulso para a criação do CPM)
- Foco na liderança leiga: 1º Encontro de L. Leigas do ME – Ivoti 1981: estudam: Lutero: *Da liberdade cristã* – 1982: *Pia Desideria* – origem do Movimento petista.
- Vários pastores do ME fazem estudos de pós-graduação – Necessidade de formação teológica especializada: Valdir Steuernagel, Marlon Fluck, Arzemiro Hoffmann, Ênio Mueller, Dilmar Devantier, Gerson Fischer. Seguem outros.
- IECLB – 1984 – Conselho Diretor institui Programa de Evangelistas de tempo integral e parcial (P. Sérgio Schaeffer, P. Orlando Keil, P. Mozart Noronha, P. Edson Ferreira, P. Arno Paganelli e outros).
- Gestão G. Brakemeier – Cartas do P. Presidente sobre temas candentes – Diálogo e debate com correntes teológicas internas. 1987 – Helvino Pufal assume Secretaria de Economia.
- 1984 – Faculdade de Teologia se torna EST – Escola Superior de Teologia – IEPG – Mestrado e Doutorado (consolida-se nos anos de 1990).
- 1987/8 – Tema do ano: “E sereis minhas testemunhas ...” – A tarefa missionária da igreja é prioridade número 1.
- ME – dá início ao Programa Missão Zero – 1989 – Três Lagoas, MS, Andradina, SP e ampliação para o Nordeste. Liderança do P. Sérgio Schaeffer.
- SERPAJ – Pastor Ricardo Wangen e estudantes da EST no movimento de paz – Hoje SERPAZ.
- Germanio Bender escreveu em 1988 que o grande desafio da IECLB é: “aprender a não divorciar a Palavra de Deus da ação, a teoria da práxis, o anúncio de sua realização” (Cadernos de CEM, nº 15).
- Teologia da Libertação na EST (anos de 1980: Grupão e outros. Polarizações de grupos teológicos).
- Departamento da IECLB – trabalho com jovens... (desde anos 1970)
- P. Orlando Keil – Encontro de casais...
- Música na IECLB – compositores no final da década de 1970. Musisacras, HPD...
- CAPA e agricultura familiar e ecológica
- COMIN (1982) e a questão indígena

Década de 1990

Contexto maior: 1992 – 500 anos da América – Plano Real (1994) e a estabilização da inflação (Itamar e não FHC) – FHC: Repressão aos movimentos sociais - Neoliberalismo na economia (1995-2002) – Dívida externa e a ingerência do FMI: Mais Mercado – Menos

Estado – ONGs e o Terceiro Setor – Ascenso dos movimentos sociais. Começa era da Internet. Google surge em 1998. Novas tecnologias invadem tudo – soja transgênica, medicina. URSS cai, voltam a existir os novos/velhos Estados dos Balcãs. Rio ECO 1992 (2012 será a RIO + 20) – 1994: Mandela eleito primeiro presidente negro da nova África do Sul – Na educação, o país sucumbe às empresas de mercado da educação. AIDS explode na África. Popularização do Windows. Busch pai – Guerra do Iraque (1991) - ECA e novos estatutos de direitos da pessoa.

- 1990 – Assembleia da FLM – Curitiba – P. Dr. G. Brakemeier eleito Presidente da FLM
- ME cria o CPM em Curitiba (1991), com apoio da IECLB – Surge a FATEV – formação de missionários em curso de graduação reconhecido – IECLB – 1998: Concílio de Rodeio 12 institui os 4 ministérios: pastoral – diaconal – catequético – missionário.
- Aceitação dos formados na faculdade de Teologia de São Bento, SC.
- Enio Mueller publica tese de doutorado: *Teologia da libertação e marxismo*. Uma relação em busca de explicação. Sinodal, 1996.
- RE IV – Sínodo Rio dos Sinos – Gestão P. Arzemiro Hoffmann – Grupo de Reflexão sobre Missão Urbana – Surge o Movimento de Renovação Espiritual (Carismático) (1992-1993) – Conflitos abertos entre comunidades e IECLB – Grandes encontros nacionais em Ivoti, Joinville e Tramandaí. Manifestações dos dons do Espírito (pentecostalismo luterano?).
- Crise: cura – exorcismo – batismo. Novas comunidades urbanas carismáticas.
- EST: Aconselhamento com famílias pobres (Christoph Schneider-Harpprecht + Valburga S. Streck)
- Estudantes da EST no Assentamento Filhos de Sepé, Viamão.
- Gestão Kirchheim (1994-2002): administrar conflitos e desafiar para a missão a partir das comunidades. Novo jeito de ser igreja: comunidade participativa e acolhedora, terapêutica e missionária. PAMI em processo. Destaque à participação das mulheres na IECLB. Diaconia: Igreja que serve, serve!
- CLAI – P. Dr. W. Altmann eleito presidente do CLAI (1995). IECLB na América Central (desde anos 90).
- O desafio do cuidado pastoral: levar as cargas uns dos outros (Gálatas 6).
- 1997 – **Nova Constituição da IECLB – Regiões se transformam em 18 Sínodos**

Anos 2000

Contexto maior: 2001 – Queda das Torres em N. York – EUA – Busch filho: Guerra do Afeganistão – Guerra do Iraque (2003) - Queda de Saddam (2006)–2002: Eleição de Lula – Políticas sociais - Fome Zero – Estabilidade e crescimento econômico – Quase pleno emprego –2010 – Brasil: 30 milhões deixam a linha da miséria. Inserção internacional do país: Ásia, África, América do Sul (Mercosul, Unasul) - Crise dos movimentos sociais – 2005: Evo Morales, primeiro indígena presidente de país na AL – 2009: eleição de Barak Obama nos EUA – Consciência da crise ecológica mundial: efeito estufa – aquecimento global – Vivemos num planeta limitado: terra, água, ar: contaminação da biosfera. Países ricos não admitem mudança do sistema. Rio + 20 (junho 2012): que esperar da conferência? Igreja Católica: 2005 eleito Cardeal Ratzinger como Papa – Retrocesso no Movimento ecumênico. Internet é meio de comunicação de massa. Surgem as redes sociais. Revolução Árabe (2010/2011). Ciência – conclusão do projeto Genoma (gens humanos são plenamente conhecidos). América Latina: 2000: Luis Carlos Susin publica trilogia com um balanço dos 30 anos da Teologia da Libertação: *Sarça ardente; O mar se abriu; Terra prometida*. 2002: Editora Sinodal publica obra clássica da teologia da missão de teólogo reformado da África

do Sul: David J. Bosch: *Missão transformadora*. Mudanças de paradigma na teologia da missão. O livro ganhou o mundo evangélico e já está em 3ª edição.

- IECLB – Gestão H. Kirchheim: PAMI – 2000 – primeiro plano de ação missionária em nível nacional. Experiência da Paróquia da Paz (P. EnosHeidemann): Rosa de Lutero: Evangelização, Acompanhamento/Diaconia, Formação, Missão/Ecumene, Administração. Cristo é o centro. Recriar e criar comunidade: Nenhuma comunidade sem missão – Nenhuma missão sem comunidade. Assessor Teológico: P. GüntherWehrmann.
- Gestão P. Walter Altmann (2003-2010)– 2006: Fórum de Missão (Floripa) –2008 – PAMI 2 – Missão de Deus – Nossa Paixão (Coordenação: P. Homero S. Pinto) –**4 dimensões da missão:** Evangelização – Comunhão – Diaconia – Liturgia – Eixos transversais: Comunicação – Formação (Educação cristã) – Sustentabilidade. Grupos Assessores da Presidência. Assessor Teológico: Teólogo Carlos G. Bock.
- 2006: Assembleia do CMI em Porto Alegre. P. Dr. W. Altmann eleito Moderador do CMI.
- EST e FATEV – investem em educação a distância – EAD e ETD. Cursos para leigos se pode fazer em casa. EST cria o Mestrado Profissional que projeta a Escola para o mundo evangélico brasileiro.
- Sínodo Rio dos Sinos – Gestão P. EnosHeidemann – comunidade acolhedora, terapêutica e evangelizadora – Enfrentamento do Movimento Carismático – Cisão inevitável.
- Estudantes da EST nas vilas de SL e em General Câmara.
- Conselhos no Sínodo como espaço de proposição e coordenação da ação evangelizadora – Planejamento Estratégico.
- IECLB 2007: Tema do ano: “No poder do Espírito, proclamamos a reconciliação”. Vida e testemunho da igreja só são possíveis “no poder do Espírito”. Aprendemos algo com os carismáticos, sem cair nas armadilhas do exclusivismo.
- Prioridades: comunidades missionárias e que caminham com os próprios pés.
- Campanha Vai e Vem de arrecadação para a missão. Objetivo: um milhão para a missão!
- Curso básico da Fé (Paulo Butzke), Curso Alpha, Desenvolvimento Natural da Igreja, ICTE
- 2010 – Eleição do P. Dr. Nestor Friedrich como Presidente da IECLB – Fio condutor: Acompanhamento e cuidado de quem cuida.
- Sínodo Rio dos Sinos – Gestão P. Edson Streck (2011-2014): Prioridade à missão urbana. Conselhos de Articulação – Planejamento Estratégico em todas as paróquias.

O que aprender desta rica, complexa e incompleta trajetória?

- Missão não pode ser adendo ao trabalho da igreja. É compromisso prioritário, razão de ser da igreja de Jesus. A natureza missionária da Igreja (CMI, 2005) Missão como obra de Deus – Igreja como instrumento dessa missão.
- Ação missionária sempre será fruto de equipes bem estruturadas, com objetivos claros e fundamentação bíblica e teológica firmes.
- O papel de lideranças leigas é imprescindível. Parceria entre ministério ordenado e lideranças leigas como desafio. Fé viva, pessoal e comunitária. Teologia para o leigo adulto?
- Teologia como serviço à missão e às comunidades.

- É preciso superar o localismo que paralisa e aprender a olhar mais longe e para a periferia. Desinstalar-se (Plano de Ação, RE IV, 1981).
- Articulação entre demandas locais e objetivos regionais, nacionais. Diálogo teológico e articulação prática. Plano Sinodal de missão?
- Culto e celebração: manter viva e desafiadora a chama da fé!
- Cuidado pastoral: compromisso de uma comunidade viva e não só de profissionais contratados.
- Discernir sempre entre instituição eclesial (necessária) e comunidade de fé (povo de Deus que crê, caminha, testemunha e celebra a fé).
- A fé se vive como compaixão e prática de misericórdia (Douglas Wehmuth)
- Aconselhamento e cuidado como marcas da comunidade cristã urbana (Eliane Weber)

2. Teologia da missão – alguns conceitos²

2.1 – Igreja como Missão

Em artigo para a *Dogmática Cristã* editada por Carl Braaten e Robert Jenson (1984), o teólogo estadunidense Philip J. Hefner define a igreja como a comunidade de Deus em Jesus Cristo que não encontra sua razão de ser em si mesma, em suas obras ou justiça própria. A igreja cristã se distingue de toda outra comunidade terrena pelo fato de tomar “intencionalmente como razão de ser o testemunho explícito da *ratio* de Cristo a chave para compreender todo o processo da natureza e da história”. Para Hefner, a missão perpassa o todo da doutrina da igreja. Basta conferir seu artigo.³

Minha conclusão é a seguinte: não é possível definir *dogmaticamente* a igreja sem fazer referência explícita e essencial à missão. A partir da concepção trinitária de Deus, a teologia cristã afirma que estas três maneiras de Deus se desdobram-se para dentro do mundo na criação e na sua *missio*. Por esta razão, participar da *missio Dei* é participar do próprio ser de Deus em seu desdobramento no presente e no futuro como o foi também no passado e na história do povo de Israel. Em outro artigo, Hefner define o ser humano como co-criador, colaborador privilegiado da ação de Deus no mundo. Este Deus chama a igreja à existência por meio de seu filho Jesus de Nazaré e a envia a mundo para proclamar suas maravilhas, evangelizar os pobres e libertar os oprimidos (Lucas 4.18; Isaías 61.1s). O Deus de Jesus é, pois, um Deus missionário que cria, envia e sustenta um povo, uma comunidade que se define e se entende a si mesma como “comunidade missionária”. Dizer igreja é soletrar a palavra missão e tal missão não tem fronteiras. Abrange a família, o bairro e o mundo inteiro.⁴

É importante, contudo, reafirmar dois pressupostos para que esta comunidade participe da *missio Dei* em fidelidade ao Deus de Jesus. Primeiro, missão jamais é um caminho de mão única, mas de mão dupla. Exige um relacionamento de reciprocidade entre quem é enviado e quem recebe a mensagem de Deus. Na missão, não existe a possibilidade de somente ensinar

² Para este tópico, cf. ZWETSCH, Roberto E. Missão no século 21 no Brasil: missão como com-paixão. In *Caminhando*. Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. São Bernardo do Campo, Vol. 15, nº 2, p. 34-50, jul./dez. 2010.

³ HEFNER, Philip. A Igreja, in BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática Cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1995, p. 191-253.

⁴ Cf. FLM. *Missão em contexto*. Transformação – Reconciliação – Empoderamento. Curitiba: Encontro, 2006, p. 23-42.

ou somente aprender. Somos companheiros de caminhada e solidários uns dos outros. Andamos pelos caminhos do mundo com os olhos postos no horizonte comum do reino de Deus. A igreja, com certeza, está a serviço desse reino e não de outro. O que prevalece na *missio Dei* é a relação fraterna e solidária entre enviados e destinatários do evangelho que liberta e salva a ambos e diante do qual somos sempre aprendizes.

O segundo pressuposto é assumir a contextualidade da igreja na cultura e na sociedade. Hefner escreveu: “Se uma igreja estende-se além dos limites de sua cultura, é para assistir a outras igrejas em sua missão, e não para fazer missão no lugar delas”. Essa posição de parceria na missão de Deus é verdadeiramente revolucionária e abre a possibilidade de renovarmos permanentemente o desafio da missão hoje em dia, sobretudo em tempos de globalização e dos novos desafios que se apresentam às igrejas cristãs numa cultura dominada pela competição, violência e difusão dos valores do individualismo e do prazer a todo custo.

Como escreveu a missióloga presbiteriana Sherron K. George, a mutualidade presente em Deus mesmo é o fundamento e modelo para todas as práticas nas parcerias de missão. A *mutualidade* na missão é uma troca de dons, um relacionamento mais horizontal do que vertical, que não cria dependências nem exerce dominação. A missão mútua é inerentemente cooperativa [...]. A mutualidade requer paciência, abertura, reciprocidade e honestidade.⁵

Documentos recentes das igrejas cristãs reafirmam a centralidade da missão na própria autocompreensão da igreja. O Papa Paulo VI reafirmou esta teologia na famosa exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975. O CMI, no documento *Missão e evangelização: uma afirmação ecumênica*, de 1982, igualmente manifestou que o cerne da vocação da igreja é a proclamação do reino de Deus inaugurado por Jesus, crucificado e ressurreto. E que o diálogo e o dar as mãos uns aos outros ajudam a humanidade a superar divisões e a trabalhar junto em liberdade, respeito e paz criativa.

A comunhão luterana no mundo definiu sua compreensão de missão e eclesiologia em dois documentos importantes: *Juntos na missão de Deus* (1988) e *Missão em contexto* (2004).⁶ Se no primeiro, o destaque é a compreensão de missão *sob o signo da cruz*, no último documento o conceito de *empoderamento* resgata a dimensão da ação do Espírito Santo na missão, não como poder que serve para exaltar a igreja mas antes para torná-la apta ao *testemunho*.

A igreja, toda ela *missional*, envolver-se-á com os problemas candentes de sua realidade tendo como critério a defesa da vida em todas as suas dimensões. Por isto, a prática da missão concretiza-se como *prática de acompanhamento*, solidária com os pobres, os sem esperança, desiludidos e desamparados, para formar com estes uma *vida em comunhão* com todas as conseqüências que isto implica.

O modelo será sempre a encarnação de Cristo em meio a um mundo fragmentado e violento, no qual a própria igreja passa por transformações jamais sonhadas antes. A missão *holística* abrange a totalidade da vida humana e da própria natureza, e manifesta-se numa

⁵ GEORGE, Sherron K. *Participantes da graça: parceria na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal. Quito: CLAI, 2006, p. 86.

⁶ ZWETSCH, Roberto E. *Teologia e prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009, p. 28-40, onde faço um resumo dos documentos e uma breve avaliação missiológica.

caminhada de transformação reconciliadora ou de evangelização restauradora como a chamou o teólogo cubano Jorge A. León. No documento *A natureza e a missão da igreja* (2005), a Comissão de Fé e Ordem do CMI volta a reafirmar que a igreja só será coerente consigo mesma se for uma igreja *testemunhal* (lembramos aqui o conceito de *martyria*, que originou a palavra *martírio* nas línguas latinas), que proclama a vontade de Deus de salvar e transformar o mundo.

Outro teólogo latino-americano, René Padilla, elaborou o conceito de *missão integral* para dizer que a missão de Deus abrange a totalidade da vida humana em todas as dimensões, pessoais, psíquicas, espirituais, sociais, econômicas, ambientais.⁷ Sabe-se que a missão como caminhada de testemunho e encarnação é assumir o *caminho da cruz*, isto é, a forma como Deus resolveu agir no mundo por meio de seu filho Jesus.

Nele e em seu ministério Deus agiu contra o pecado e a injustiça e disse sim ao amor e à justiça restaurativa e dignificante, apesar da perseguição e crucificação. A manhã de Páscoa, o sinal da ressurreição dado primeiramente às mulheres convida-nos – na fé e por meio da fé – a assumir a caminhada de Jesus onde quer que o seu Espírito nos alcance.

É nesse contexto amplo que defendo a compreensão de *missão como com-paixão*. No que segue exporei brevemente o que significa isto e que ensinamentos podemos tirar dessa perspectiva diante das muitas crises de toda ordem que nos atingem como igrejas e como nações.

2.2 – Missão como com-paixão

Para entendermos o que significa missão hoje precisamos dizer quem é Deus, pois missão é *missio Dei*. Embora uma definição jamais consiga descrever minimamente quem é Deus para nós, podemos nos valer do testemunho bíblico que nos narra muitas experiências do povo de Israel e, depois, da comunidade de Jesus com o seu Deus e nosso Deus. Jesus chamou Deus com uma palavra muito especial e que temos dificuldade para traduzir: *Abba*.

Isto significa que Jesus mantinha uma relação de grande intimidade com Deus, possivelmente única. Ensinou-nos a nos dirigir ao *Abba* também por meio dessa relação de proximidade e confiança: *Pai nosso* [...]. Com as feministas, creio que podemos dizer: *Mãe nossa* [...], contando com a compreensão do próprio Deus.

Além disso, para Jesus, Deus é o Deus *compassivo*.⁸ Há muitas outras características que o descrevem segundo o testemunho bíblico, mas esta sobressai na vertente profética e, sobretudo, em Jesus. Um de seus ditos afirma: “Sede misericordiosos como também é misericordioso vosso Pai” (Lucas 6.36). Compaixão e misericórdia são o mesmo aqui. Ao desdobrar esta tese, encontrei seis pontos a serem considerados para relacionarmos esta compreensão de Deus e sua *missio*.

⁷ Cf. ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão*. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008, p. 146-206.

⁸ Cf. NOUWEN, Henri et alii. *Compaixão- – reflexões sobre a vida cristã*. São Paulo: Paulus, 1998.

Tal compreensão tem consequências cruciais para a missão da igreja de Jesus nos dias de hoje. Portanto, evidentemente também para nossas igrejas evangélicas luteranas espalhadas pelo mundo. A seguir, apresentarei estes pontos e trarei alguns exemplos de como a *compaixão* pode traduzir para o nosso tempo uma *prática missionária* atual, relevante e desafiadora.

Vale recordar aqui que o professor Johann B. Metz anteriormente já afirmara que a pessoa que sofre tem autoridade indiscutível, porque toca à profundidade de cada ser humano. Esta pessoa fala àquelas dimensões em que a essência humana vigora como *pathos*, cuidado e compaixão essencial.⁹

A – Compaixão como resumo do evangelho de Deus

Compaixão pode ser uma palavra que resume o evangelho de Deus para os dias de hoje. Sempre é temerário resumir e concentrar. Mesmo assim, arrisco-me a afirmar que a missão de Deus encontra nesta palavra-expressão um ponto alto, uma experiência que transcende tempo e espaço, conceito e história.

Deus se compadeceu de nós. E solidarizou-se definitivamente com o nosso extravio. Em Jesus de Nazaré, aproximou-se para sempre do seu povo que caminha neste mundo como gente desgarrada para conduzir-nos ao seu reino de amor, justiça e bem-aventurança. Isto em e através do tempo. Deus em Jesus se torna história e isto faz parte da mensagem central do evangelho, de tal forma que o povo de Deus, a sua igreja, não pode desvincular-se da história humana, sob pena de trair o amor de Deus pela humanidade.

A compaixão de Deus poderia ser a tradução da sua *missio* para os tempos modernos ou pós-modernos. Afinal, vivemos num tempo em que impera a objetividade do processo histórico, a insensatez da corrida pelo lucro a qualquer custo, o descalabro da destruição da natureza, a insensibilidade pelo sofrimento de milhões de seres humanos, que não encontra limites ou remédio. Numa palavra, vivemos tempos incompassivos, duros, cruéis.

Se pensarmos nos processos históricos vividos atualmente na América Latina, com evidentes lampejos de esperança em vários países, ainda assim percebemos que a realidade de uma integração subalterna no mercado econômico mundial globalizado deixa pouca margem para alternativas nacionais autônomas, como almejam as propostas de um socialismo revigorado e democrático.

Diante dessa situação, é preciso buscar uma alternativa que se anuncie possível e viável, diante das inseguranças e aporias do futuro no século 21. Esta busca não é apenas de ordem política, econômica e social. Desafia também as igrejas e suas respostas teológicas frente aos sinais dos tempos.

Não será tarefa fácil, contudo, acreditar na compaixão divina se considerarmos apenas o testemunho das igrejas cristãs. Sua divisão histórica, a inconsistência de seu testemunho, a guerra provocada pela concorrência religiosa, os escândalos que solapam a credibilidade do

⁹ Cf. METZ, Johann B. Im Eingedenken fremden Leids. *Gottesrede*. Münster: LIT, 1996, apud BOFF, Leonardo; MÜLLER, Werner. *Princípio de compaixão e cuidado*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 25.

evangelho da paz, da justiça e da reconciliação, todos estes são motivos suficientes para desfigurar a promessa do evangelho.

Na verdade, fazem tremer os alicerces das igrejas que confessam ser Jesus Cristo seu Senhor e Mestre, compassivo e desafiador. Por isto, sem a presença do Espírito Santo que sopra onde quer e transforma igrejas e pessoas, haveria pouco o que fazer. Como escreveu José Comblin e outros teólogos como Jürgen Moltmann: é no poder do Espírito que a igreja cumpre sua missão.

O Espírito prepara a Igreja no meio das nações. [...] Por isso, não precisamos partir para a missão já com um projeto de Igreja nem com um projeto de evangelho elaborado. [...] O Espírito é quem revela Cristo às nações. Nós o anunciamos mas não sabemos como vão conhecê-lo. O que importa é a apresentação de Cristo assim como se apresentou: pelos caminhos da humildade e da cruz. Cristo parte da pobreza, dos meios pobres. Apresenta-se como sem poder. A revelação de Cristo é a da sua cruz vivida como real caminho. [...] O Cristo da missão não será um discurso humano sobre Cristo, mas uma presença viva e real de Jesus feito homem pobre e sem poder, de uma maneira capaz de tocar no coração dos pobres das nações. Desse modo, Cristo e o Espírito estão unidos também na missão e somente a sua unidade torna possível a missão nesta hora do mundo.¹⁰

Sem este poder do Espírito libertador de Cristo, a igreja permanece uma instituição puramente humana e limitada em sua perspectiva histórica. Ela não dará conta da vocação a que foi chamada. Entretanto, este é o desafio da *missio Dei*.

B – A compaixão de Deus é irmã da justiça – a dimensão profética da missão

O mundo atual é o da concorrência e da competição. A monetarização da economia mundial foi responsável pela maior queda que o sistema financeiro capitalista já passou desde a quebra da bolsa de Nova York em 1929. O custo da “salvação” do sistema chegou a muitos trilhões de dólares, dinheiro evidentemente surrupiado das bocas famintas de milhões de crianças, da construção de escolas, da irrigação dos campos africanos e de tantos outros investimentos que com muito menos poderiam aliviar a fome no mundo, como afirmou o responsável pelo programa da FAO, na ONU.

Na economia financeira, distante da vida real das pessoas, não há lugar para a cooperação, o cuidado e a vivência da compaixão. O mundo hoje depende do sucesso dos grandes negócios nas bolsas financeiras das principais cidades do planeta. E quando elas caem na jogatina geral em que se transformou este sistema, os governos são chamados para *salvar* o sistema como aconteceu novamente este ano com os problemas da Grécia. É muito interessante observar como funciona o esquema!

Na hora do lucro, a lei é *privatizar*. Na hora da desgraça, o remédio é *socializar*. É pertinente perguntar se esta é a única lei possível. Ou pelo menos, se ao seu lado não devem vigorar outras metas, que, de modo alternativo, proponham a *reciprocidade* como critério para a convivência humana e assim equilibrem a balança do capital para resguardar o *direito* à

¹⁰ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 202s.

vida, hoje seriamente comprometido para mais de dois terços da humanidade e até mesmo para o meio ambiente.

Nesse contexto, a palavra *compaixão* encontra um solo fértil para frutificar. É o que tem afirmado repetidamente o Dalai Lama, líder do budismo tibetano.¹¹ Obviamente, ela, por si só, não garante nada. A compaixão precisa ser desdobrada em atos de vontade, em propostas de vida e sociedade. Do contrário, fica apenas como um horizonte de boas intenções, sem incidência histórica e perspectiva de futuro.

Por isto, estou de acordo com quem defende que a compaixão divina só se torna concreta historicamente quando associada à outra palavra-realidade central no testemunho bíblico, sobretudo, em sua tradição profética. **A compaixão de Deus é irmã da justiça.** O Deus bíblico é o Deus da justiça.¹² Assim como não há paz sem justiça, também não compreendemos a compaixão de Deus se nos esquecemos de relacioná-la com a sua justiça.

Estas duas realidades traduzem, a meu ver, o que podemos entender por *amor de Deus* ou *hesed*, palavra central da mensagem do profeta Oséias. E também a palavra *rahmim*, que se pode traduzir como *ter misericórdia* ou *o revolver das entranhas por amor de alguém*¹³. No contexto do Antigo Testamento estas palavras estão relacionadas com outros verbos afins e que apontam para a realidade do evangelho da graça de Deus como anunciado por Jesus. São eles: ser clemente com alguém, ser misericordioso, sentir compaixão, tratar bem, respeitar, consolar, mudar de destino, ajudar, ser bondoso, magnânimo.

Como se percebe, todas essas expressões indicam uma forma especial do agir de Deus em relação ao seu povo e para com a humanidade. Esta compaixão de Deus opõe-se a outra atitude do mesmo Deus: a misericórdia está em oposição exclusiva à cólera de Deus ou a substitui, porque a ira suspende a relação do povo com Deus. Em Isaías, o termo misericordioso ou compassivo chega a ser *predicado absoluto de Deus*. Só ele é realmente misericordioso ou compassivo para conosco! E quem experimenta tamanha compaixão, verdadeiramente encontrou o paraíso, como afirmou Lutero num de seus textos autobiográficos! Só a compaixão e misericórdia conseguem vencer a violência, *hamas* (em hebraico), e não a força!

C – Com-paixão: a inseparabilidade entre juízo e graça

Neste sentido, procurei associar as duas dimensões do amor de Deus com uma palavra que é simultaneamente uma expressão e em cuja grafia procurei reunir várias dimensões da misericórdia divina. Para mim, a *com-paixão* de Deus só se torna real quando sua justiça se revela e se realiza. E a justiça de Deus, do ponto de vista da teologia bíblica, concentra duas dimensões inseparáveis: *é juízo e graça*, condenação e redenção, morte e vida. Morte ao pecado que destrói a convivência humana e ressurreição para uma nova vida, em graça e

¹¹ Cf. DALAI LAMA. *Caminho da sabedoria, caminho da paz*. Depoimento a Felizitas von Schönborn. Trad. Eduardo Simões. Porto Alegre: L&PM, 2009.

¹² Cf. METZ, Johann B. La compasión. Un programa universal del cristianismo en la época de pluralismo cultural y religioso. In: *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, v. 19, n. 55, p. 25-32, 2002: “Una compasión que busca justicia es, en la era de la globalización, la palabra clave del programa universal del cristianismo”, p. 28.

¹³ Cf. JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Tomo II. Madrid: Cristiandad, 1985, c. 957-966.

verdade libertadoras. O juízo revela a profundidade do pecado humano e sua separação da fonte da vida e de tudo o que é sagrado.

O apóstolo Paulo escreveu: “porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6.23). A graça é a resposta amorosa de Deus que não deixou a morte ser a última palavra. Reconciliou, por meio de Cristo, a humanidade com ele mesmo. Desta forma, abriu as portas da história para o novo, o inaudito, a experiência da vida em plenitude.

D – Paixão de Cristo – paixão dos crucificados: buscar a Deus *sub contrario*

Com-paixão aponta para outra dimensão da misericórdia divina e esta diz respeito ao sofrimento, a *passio*, que nos remete à paixão de Cristo e, por extensão, à paixão dos crucificados deste mundo, ontem e hoje. Há um tipo de sofrimento que não tem sentido, cuja reflexão levaria ao absurdo. Haveria, porém, um sofrimento redentor, libertador? É isto que o evangelho de Cristo anuncia: em seu sofrimento há, precisamente, um dom e uma promessa. Com a ressurreição, Deus o resgatou da morte injusta e fez com que o justo triunfasse fazendo brotar novamente a semente da esperança. Mas apesar disso, a cruz é e continuará a ser escândalo. Em termos teológicos, jamais poderá ser suprimida ou diminuída. Cruz é um escândalo intransponível. Por isto, a teologia cristã é paradoxal. Leonardo Boff chamou a atenção para este aspecto:

Deus deve ser buscado *sub contrario*. Lá onde parece não haver Deus, lá onde parece que ele se retirou: lá está maximamente Deus. Essa lógica contradiz a lógica da razão, mas é a lógica da cruz. Essa lógica da cruz é escândalo para a razão e deve ser assim mantida, porque só assim temos um acesso a Deus que de outra maneira jamais teríamos. A razão busca a causa da dor, as razões do mal. A cruz não busca causa nenhuma: aí mesmo na dor Deus está maximamente. [...] [a cruz] deve se manter como cruz, como uma treva diante da luz da razão e da sabedoria deste mundo.¹⁴

Esta reflexão sobre a cruz e o sofrimento é importante no contexto da *com-paixão*, já que facilmente se poderia cair no *dolorismo* típico da religiosidade latino-americana. A aceitação do sofrimento não significa masoquismo. Entretanto, em uma tradição cristã efetiva significa luta contra o mal e resistência ao pecado e à fatalidade da vida. Não por acaso na oração que aprendemos de Jesus está dito: “E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”. A tentação do conformismo, da entrega ao sem sentido do sofrimento e da dor é real. A oração de Jesus não nos promete viver *sem* tentações, mas nos ensina justamente a não cair diante delas.

Aqui cabe acrescentar um pensamento. Vitor Westhelle, teólogo luterano brasileiro que leciona em Chicago, escreveu recentemente um livro de grande força inspiradora: *O Deus escandaloso. O uso e abuso da cruz*.¹⁵ Nesse livro, Westhelle adverte-nos de que não pode haver vida cristã a não ser aos pés da cruz e na companhia dos crucificados deste mundo. Ele escreveu:

¹⁴ Cf. BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – paixão do mundo*. Os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 136.

¹⁵ WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso. O uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2008.

Se Deus está oculto na cruz, então Deus participa da paixão de Cristo. Mas se Deus está oculto *atrás* da cruz, de modo que a imutabilidade, a majestade e o poder divinos são apenas encobertos e não são afetados pela cruz, então o mistério de Deus não se revela na cruz, nem mesmo sob seu oposto. A consequência dessa interpretação nos levaria ao seio de um Deus misterioso e apavorante. Contudo, se Deus estivesse naquela cruz, teríamos a noção de um Deus cuja compaixão alcançou essa profundidade. A tentação é claramente optar pelo “na” e evitar o “atrás”. Mas essas opções são realmente excludentes? Não deveríamos reconhecer em Deus tanto o *fascinans* como o *tremendum*, conforme Rudolf Otto resumiu os atributos do sagrado? Esse duplo sentido que se encontra em Lutero não representa oposições alternativas para a interpretação. Ambos são válidos [...]. A obra oculta de Deus é uma forma de nomear de uma maneira radical nossa experiência de sermos abandonados por Deus como o próprio Jesus vivenciou.¹⁶

Isso significa que somente compreenderemos o Deus de Jesus e sua obra em favor de nós quando soubermos nos encontrar com Jesus e seus crucificados *no seu caminho*, atrás e junto a essas pessoas e povos que clamam por justiça, vida e salvação. Do contrário, poderemos ser boa gente, mas perderemos o *proprium* que identifica o nome que recebemos de Cristo. Nesse sentido, Westhelle sugere que a teologia da cruz de Lutero ainda hoje é especialmente desafiadora, visto que nos conduz a uma vivência concreta de solidariedade com quem sofre e grita por libertação. Westhelle escreveu:

O desafio para nós é sermos capazes de discernir, como Lutero fez, os lugares e tempos em que o quebrantamento, a vida ferida, as profundas crises recebem uma operação plástica por parte dos sumos sacerdote do novo evangelho global, o que o teólogo canadense Douglas John Hall chama de culto do “otimismo oficial”.

Quando apontamos para a cruz de Jesus e a cruz dos crucificados, é compreensível que muitos de nós, rapidamente, mencionemos a ressurreição como o ato salvador de Deus que na manhã gloriosa superou a morte, a dor e o sem sentido da história. Mas o que precisamos aprender reiteradamente é que a cruz não é algo transitório e descartável. Efetivamente, Jesus ressuscitou para nossa salvação e libertação.

Todavia, se Jesus não viveu até o fim a cruz, é vã a nossa fé, se me permitem refazer o conhecido dito do apóstolo Paulo. Como cristãos, será preciso manter a tensa e criativa relação entre a sexta-feira da paixão e a Páscoa, sem jamais “desfazer o escândalo da narrativa fundadora, a não ser que deixemos de entender o mais importante”, como concluiu Westhelle¹⁷.

E – Compaixão como experiência de libertação: *simul iustus et liberatus, semper liberandus*

Nesse sentido, Leonardo Boff nos ajuda ao demonstrar duas verdades. Primeiro, que Deus ao assumir o sofrimento e o absurdo da cruz, não aceitou esta absurdez como seu limite. Ele assume o absurdo.

¹⁶ WESTHELLE, 2008, p. 69.

¹⁷ WESTHELLE, 2008, p. 72.

não para divinizá-lo, não para eternizá-lo, mas para revelar as dimensões de sua glória que ultrapassam qualquer luz que venha do logos humano e qualquer escuridão que venha do coração. Deus assume a cruz em solidariedade e amor com os crucificados, com aqueles que sofrem a cruz. Diz-lhes: embora absurda, a cruz pode ser caminho de uma grande libertação. Contanto que tu a assumas na liberdade e no amor.¹⁸

A segunda observação diz respeito ao sofrimento que nasce da luta contra o sofrimento, quando a experiência da fé se dá no contexto do mistério da *passio liberationis*. Trata-se do sofrimento que se experimenta na luta contra a opressão e as injustiças, no compromisso com a libertação dos empobrecidos deste mundo, vítimas de um sistema no qual eles não têm mais lugar. Conforme L. Boff, este sentimento apresenta um nível de dignidade humana incomparável. Não é buscado, mas encontrado no *caminho do discipulado*.

O mesmo se diria do sofrimento de quem é perseguido por causa do evangelho, do anúncio do amor de Deus, ou da luta por justiça, como o fez o Mahatma Gandhi. Este tipo de sofrimento tem a capacidade de denunciar o mal do sistema que domina o mundo, a estranha força de negar o sistema, uma vez que vive da realidade do amor divino, da força do reino futuro que procede de Deus e para ele conduz, da força da não-violência, que no Brasil foi traduzida pela expressão *firmeza permanente*. Citando L. Boff outra vez:

Por isso, o sofridor, vítima da violência do sistema, é livre e jovial, tomado do Absoluto verdadeiro que confere sentido à perseguição e à morte. O mundo que Deus prometeu [...] é tão real, tão verdadeiro, tão plenificador que nenhuma morte, por mais violenta, nenhum suplício, por mais excogitado e inumano que se apresente, é sofrido como destruidor. Tal atitude livre e libertadora exaspera os agentes do sistema [...].¹⁹

É por isso que o testemunho de Dietrich Bonhoeffer enforcado ao final da 2ª Guerra Mundial (agosto de 1945) ainda ressoa no mundo inteiro. Para nós na América Latina, é revelador que justamente o teólogo que morreu por causa de sua fé tornou-se o maior testemunho de um evangelho que aparentemente havia sido derrotado pelo nazismo²⁰.

O encontro com o Deus crucificado, em sua paixão, portanto, propicia uma experiência verdadeira de conversão, por meio da qual a vida toda é reavaliada e ganha nova direção. Esta é uma experiência de graça, perdão e liberdade que livra as pessoas de um passado que escraviza e proporciona um redirecionar da vida em novas bases. Noutro texto L. Boff explica esta experiência como um *radicar-se em Deus* como fundamento do novo ser, como aconteceu na vida de Jesus.

Tal processo de conversão jamais acaba, pois está sujeito à dialética do pecador-justo/justificado. A teologia luterana chama a isto de *sola gratia, sola fide*, que se traduz na vivência histórica como o ser oprimido que se torna liberto e libertador. L. Boff definiu este

¹⁸ Cf. BOFF, L. 1978, p. 143s.

¹⁹ Cf. BOFF, L. 1978, p. 152.

²⁰ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. Los límites de la teología moderna. Un texto de Bonhoeffer. In: *La fuerza histórica de los pobres*. 2ª ed. Lima: CEP, 1980, p.395-415. Em nossa Escola Superior de Teologia dedicamos um dia especial de estudos em 09/04/1995, no cinquentenário da morte de Dietrich Bonhoeffer, atualizando seu legado para nossa reflexão teológica e compromisso missionário na América Latina. Cf. *Estudios Teológicos*, ano 35, n. 3, p. 221-257.

aspecto da vida de fé com a fórmula: *homo simul iustus et liberatus, semper liberandus*.²¹ O ser humano é simultaneamente justo e libertado, sempre libertador, a partir da cruz e da esperança que dela nasce. “Porque na esperança fomos salvos”, escreveu o apóstolo Paulo (Romanos 8.24).

F – Com-paixão: apaixonar-se pela misericórdia de Deus

Mas há ainda um último aspecto na expressão com-paixão que preciso apontar. A missão de Deus comporta uma luta pela vida. A resistência contra o amor de Deus é permanente neste mundo. Tanto nas instituições – também nas igrejas – quanto em nossas vidas individuais. A dialética da vida é feita de sombras e luzes, de pecado e graça, de tal modo que, pela fé, somos simultaneamente justos e pecadores. Por isto, é necessário **deixar-se apaixonar pela misericórdia de Deus**. Na linguagem profética do Antigo Testamento, a idéia vem com a metáfora de um “mover-se desde as entranhas”.

É possível afirmar que Deus ama a humanidade como uma mãe que desde o mover-se de suas entranhas luta pelos filhos e filhas. Somente os misericordiosos e limpos de coração conhecerão a Deus, afirmou Jesus (Mateus 5.7s). **Com-paixão é uma tentativa de demonstrar que a missão diz respeito ao ser inteiro das pessoas e da igreja de Deus**. Missão como com-paixão é um lema e um programa, um alerta e um desafio. É um reconhecimento e uma esperança.

Alguns exemplos podem nos ajudar a visualizar a vivência da com-paixão como rosto da missão hoje. Conheci um programa da pequena Igreja Evangélica Luterana da Colômbia que me causou profundo impacto. Chama-se *Asívida* e tem por objetivo acompanhar pessoas contaminadas pelo vírus HIV e vivem com AIDS. O que me chamou atenção é que se trata de um programa que acolhe, acompanha e reintegra as pessoas que, por alguma razão, contraíram o vírus, sem qualquer resquício de culpabilização ou condenação moral. É um exercício exemplar da teologia da graça e da compaixão que liberta e dignifica as pessoas.

Um segundo exemplo é o **Plano de Ação Missionária da IECLB**, em sua segunda versão de 2008. O título do PAMI, como o conhecemos, é sugestivo: *Missão de Deus – Nossa paixão*. Somos uma igreja oriunda da imigração de evangélicos e luteranos no século 19, mas que decidiu, em 1949, tornar-se igreja evangélica de confissão luterana *no Brasil*. Esta decisão histórica foi a senha para assumirmos definitivamente a dimensão missionária constitutiva de uma igreja cristã.

Desde então, procuramos cada vez mais nos inserir no meio do povo e da cultura brasileira, não sem tropeços e crises. O atual Plano de Ação Missionária não é uma solução mágica mas um documento orientador que, pouco a pouco, atinge as comunidades, nos mais distintos lugares do nosso grande país. O que caracteriza este plano é a articulação entre os quatro eixos que desdobram a compreensão de missão: evangelização – comunhão – diaconia

²¹ Cf. BOFF, Leonardo. *A graça libertadora do mundo*. Petrópolis, Lisboa: Vozes, Multinova, 1976, p. 187. A esse respeito, cf. meu artigo Espiritualidade e antropologia: um diálogo com Leonardo Boff. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 38, n. 2, p. 141-155, 1998. Para uma visão sistemática da cristologia de L. Boff sob este aspecto, cf. SANDER, Luís Marcos. *Jesus, o libertador*. A cristologia da libertação de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

– liturgia, e as três dimensões transversais que permeiam cada eixo: formação (educação) – sustentabilidade – comunicação.

O centro do plano é a afirmação de que Deus nos chamou desde a criação do mundo para sermos seus parceiros na sua *missio*. Em Jesus, aproximou-se de nossa humanidade radicalmente. Nele e com ele fomos convencidos da paixão de Deus pelo mundo. Por isto, na força do Espírito, somos um povo de *apaixonados* pelo evangelho e a mensagem do reino de Deus. Se a missão de Deus é *nossa paixão*, a *com-paixão* como via prática da missão nos desafia a um compromisso novo e transformador.

Se hoje vivemos tempos de crise que exigem redefinições, de certa forma, é possível afirmar que a renovação da missão dá-se justamente nesses períodos de crise. É nos momentos de cruz que experimentamos, como pessoas e igrejas, os limites da nossa paixão e da nossa infidelidade. Parafraseamos o teólogo uruguaio Juan Luis Segundo, que afirmou ser necessária não só uma teologia da libertação, mas uma libertação da teologia. Afinal, a missão é o instrumento que Deus usa para libertar a igreja de si mesma e de suas aporias.

3. Contexto urbano: complexidade e oportunidades

- Cidade como espetáculo: o poder de atração do urbano. O poder da mídia.
- Cidade como espaço de liberdade e criatividade
- Cidade: desejos e frustrações. Urbanização selvagem. Desenraizamento social e comunitário.²²
- Cidade: centro e periferia – Crise urbana: de serviços, da forma da cidade (distâncias e proximidades): favela é forma urbana clássica (!). Cidade como um *modo de vida* (vizinhança, parentela, condomínios). Como lugar de poder político do Estado (planejamento urbano x cidadania); do poder do capital – Alternativa: OP; Cidade e identidade (mercantilização do desejo x vida com sentido).
- Casa – chave hermenêutica da vida urbana x Trabalho (Sustento e prestígio)
- Conhecer a cidade para melhor se inserir nela: desafio central à missão urbana
- Cidade: complexidade e oportunidades. A necessária humildade da ação missionária
- Associações: estratégias populares de sobrevivência, resistência e participação.
- OP – novidade que deu certo – Transparência dos recursos públicos – Corrupção e justiça social
- O difícil aprendizado da *democracia participativa*

4. Caminhar na cidade: o testemunho da presença

- Dificuldade histórica: distância entre igreja instituição e vida do povo; religião erudita – religião popular. Como resolver o impasse?
- O reino de Deus se manifesta na cidade: onde? Como? Com que instrumentos?
- “De acordo com o evangelho, o encontro de Deus realiza-se no encontro com [o ser humano], de modo particular no encontro com o outro, com o pobre, com o marginalizado, com o rejeitado” (José Comblin). Evangelização como encontro e presença!
- Tem gente que acha que a cidade impede de seguir Jesus; outros, que a cidade justamente permite uma experiência profunda do evangelho de Jesus. O exemplo de

²² Cf. MEINCKE, Silvio. *O aquário e o mar*. 2003, pesquisa realizada na Paróquia Evangélica Luterana de Teotônia, RS, com famílias cujos descendentes foram para as cidades e se desvincularam da IECLB, na maior parte.

Paulo é paradigmático. Ele foi um missionário urbano por excelência. Paulo não temia a competição, aceitava polêmicas, desde que também o escutassem.

Contudo, fez algo importante: reinterpreto o evangelho de Jesus como a liberdade em Cristo no contexto urbano do Império. Assim, preservou e abriu novas possibilidades para que este evangelho se espalhasse criando comunidades de libertos que foram a grande novidade no mundo greco-romano. 1 Coríntios 1 (quem eram os cristãos?)

- Mercado das religiões (cf. exposição do prof. OneideBobsin)
- Comunidade de fé x dinamismo urbano
- Grupos pequenos: novos relacionamentos como oportunidade para descentralizar a igreja
- Como desenvolver hoje o *testemunho da presença*? É preciso aprender a caminhar *na cidade, com a cidade e em favor da cidade*. Lutar com ela e por ela.
- Isto implica uma mensagem auspiciosa, que anuncie esperança ao povo da cidade mas, ao mesmo tempo, crítica a mercantilização da vida, da fé e dos sonhos humanos.

5. Acolher o povo da cidade: *comunidade* que presta culto, liberta e consola

- Comunidade de fé: qual o seu poder de convocar?
- Evangelizar é anunciar e acolher: o testemunho alegre e ousado da fé em Cristo: liberdade para amar e criar!
- Comunidades inclusivas: culto e vida; culto e liberdade; culto, consolo e cura. A experiência do acolhimento e da *bênção*. O evangelho da *paz* (*shalom*): Lucas 10; Atos 10; Romanos 13.8; Gálatas 3.28 e 5.1ss. Efésios 2.13ss e 4.1ss.
- Nova linguagem sobre Deus e o evangelho: reinterpretar para ser fiel ao evangelho (Comblin fala em *revitalizar*).
- Conversão e modo de vida: descoberta de Jesus Cristo e do seu caminho (discipulado) em meio aos pobres e desamparados. Conversão como processo (morrer para ressuscitar cada dia). Lutero: não somos cristãos, mas tornamo-nos cristãos. A importância do grupo comunitário. Grupos pequenos! Capilaridade da comunidade cristã. Michel Löwy: cristianismo de libertação (Livro de Jung MoSung com mesmo título)
- Comunhão e acolhimento: comunidade viva sabe acolher qualquer pessoa e lhe oferece estima. A dignidade do outro, convertido ou não.
- Culto: experiência de vida que envolve o ser integral: razão e sentimentos, corpo e espírito, fé e vida. Liturgia da vida.
- Prática da fé: abrir-se para a sociedade, o bairro, a vila. Evangelização e inserção social: dois braços de uma mesma fé. Por uma fé cidadã (Clóvis Pinto de Castro). Teologia pública.
- O cuidado com quem sofre: doentes, desempregados, enlutados. O Espírito e a presença de Deus em todos os momentos. Festa e dor, perdas e ganhos. Contra a ideia de um cristianismo de sucesso a qualquer custo.
- Entre a profecia e a misericórdia: com-paixão!

6. O poder da imaginação: utopia urbana e a *teologia* da evangelização no contexto urbano

- Que evangelho anunciamos? Releitura de Lutero no século 21 (Prefácio ao NT, 1521²³)
- Boa nova anuncia-se diante de uma má notícia: mas quem decide é o ouvinte! Pregação como comunicação e diálogo e não como imposição de verdades acabadas. Para cada grupo social o mesmo evangelho pode ser entendido *diferentemente*. Isto nós que atuamos no ministério temos muita dificuldade de compreender.
- Reino/Reinado de Deus: centro do evangelho de Jesus. Parábolas! Já e ainda não. Sinais do reino – presença de Deus no mundo.
- Como fazer a experiência *libertadora* do evangelho? J. Comblin escreveu o seguinte: “A verdadeira libertação está no serviço ao próximo (amor de Deus – amor ao irmão). Por conseguinte, o critério de autenticidade do evangelho está (para nós!) no efeito produzido: nos serviços que produz. Se produz uma vida de serviço (diaconia, solidariedade), foi autêntico. Se não produzir, não foi autêntico”. Debater: se conhece a árvore pelos frutos que dá.
- Por isto, fica difícil reduzir o evangelho a um catecismo. O evangelho é sempre um chamado que desestabiliza. Deus nos surpreende a cada passo na vida, a crentes e descrentes. A ação missionária da igreja insere-se nesta dinâmica do Espírito divino. Agimos como gente enviada, não anunciamos a nós mesmos, mas a Jesus chamado Cristo. Ele convoca para uma nova vida marcada pelo amor, a doação, a liberdade para servir e, no limite, dar a vida.
- Missão e utopia urbana: como transformar a realidade? Mudanças sociais são resultado de milhões de ações de diferentes sujeitos sociais: a complexidade do mundo contemporâneo. A comunidade cristã não tem o privilégio da ação mais *libertadora* nem da onisciência da mudança. Isto tivemos de aprender a duras penas na América Latina, após o otimismo social da Teologia da Libertação.

Ela continua a nos desafiar; todavia, reconhece que o reino de Deus é de Deus, sim, e nós somos apenas seus arautos. Deixamos sinais onde agimos como povo liberto e libertado. Superar o messianismo. Trabalhar com gestos, sinais utópicos, sem cair na ilusão da “solução final” (tipo Campanha o Brasil para Cristo, São Paulo para Cristo!).

7. Uma hermenêutica bíblica a partir dos desafios urbanos²⁴

- Em vários autores que estudam a missão urbana (ou *pastoral urbana*), a perspectiva bíblica se vale de dois paradigmas clássicos para falar da cidade: Babilônia (cidade do mal) e Jerusalém (cidade do bem). Também Agostinho (séc. IV) deixou-nos a herança de sua *Cidade de Deus* que se contrapõe à *Cidade dos homens*. Exemplos: Arzemi Hoffmann, José Comblin, Brigitte Saviano, outros.
- Proponho outra perspectiva que parte de uma avaliação *positiva* da cidade como lugar de vida, trabalho, sonhos e esperanças. Até porque, no desenvolvimento mundial, as cidades já abarcam a maior parte da população do mundo e as pessoas não desejam mais voltar à vida do campo (embora sempre tenhamos necessidade de gente que se disponha a produzir na terra os alimentos que todos consumimos diariamente). Foi em 2008 que a população urbana passou da metade no mundo. Não obstante, a maior parte dessa população não usufrui os benefícios da cidade como saúde, educação, transporte, saneamento básico, habitação digna, lazer, ...

²³ Cf. LUTERO, Martinho. *Pelo evangelho de Cristo*: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 176.

²⁴ Fiz um exercício de releitura bíblica do ponto de vista da missão a partir do texto de Atos 10, o encontro entre Pedro e Cornélio. Cf. ZWETSCH, Roberto E. *Teologia e prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009, p. 41-51.

- Como exemplos, escolhi alguns textos que ajudam a nos relacionar com a cidade de modo positivo e desafiador. Sigo aqui uma intuição do colega Evaldo L. Pauly: a cidade exige uma teologia que consiga inculturar-se nesses espaços sócio-culturais, versátil, aberta aos avanços da ciência, democrática na forma de atuar, bem alicerçada na fé e numa leitura profética das Escrituras.
- Pauly estudou o texto de Lutero *De servo arbitrio (Da vontade cativa)* e faz uma citação do reformador que é instigante para nós ainda hoje:
- Lembrando que é a justiça divina que nos salva (*A fé é graça de Deus*), Lutero adverte em relação ao outro lado dessa justiça, quando ela atua no mundo, nas estruturas sociais, políticas e econômicas: “Deus não atua sem nós, pois, para isso mesmo, recriou-nos e preserva-nos: para atuar em nós e cooperarmos com ele. Assim, é por nosso intermédio que prega, tem misericórdia dos pobres e consola os aflitos”. A dialética de Lutero aqui não deixa dúvida quanto ao que, nos anos de 1980, começou a se chamar *missão integral* na América Latina (René Padilla e outros).
- A fé é justamente esta descoberta e aceitação de que Deus salva-nos por amor e graça exclusiva. No entanto, ao mesmo tempo, chama-nos para *atuar com ele* no mundo em vista do bem e da salvação de todas as pessoas. É o mesmo que vimos no texto de 1521. Poderíamos dizer que *Missão é participar dessa ação divina* em fé, amor, liberdade e esperança, depositando em Cristo toda a nossa confiança.
- Com estes pressupostos, vamos aos textos que selecionei:
- Gênesis 18.22ss – uma história de *intercessão*. Abraão intercede por Sodoma. Negocia com Deus em nome de possíveis justos que existem na cidade. Sodoma foi destruída, mas este gesto de intercessão permanece como orientação para o povo de Deus até hoje.
- Jeremias 29,1ss – Já comentado no início. Se procurarmos a paz da cidade, se lutarmos pela paz da cidade, também nós seremos por ela beneficiados. E só quem viveu em meio à guerra e à violência indiscriminadas sabe avaliar o valor da paz social.
- Atos 10 – Pedro e Cornélio. É um texto missionário por excelência, que vale a pena estudar com calma. Aqui só vou destacar o reconhecimento de Pedro ao encontrar-se com a família extensa de Cornélio, comandante romano e homem “temente a Deus” (prosélito). Depois de ser desafiado pela visão dos diferentes animais impuros e ter acompanhado os emissários de Cornélio até a sua cidade, Pedro se rende diante da fé daquela casa e afirma o seguinte no início do seu discurso: “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que lhe é justo lhe é aceitável” (v. 34s).
- Isto é não todo o evangelho, mas o começo. Depois segue a apresentação de Jesus, de sua vida e ministério, do evangelho da paz, o derramamento do Espírito e, por fim, o batismo de toda a casa!
- Filipenses 1.27ss – Paulo, na prisão, desafia sua querida comunidade de Filipos a dar testemunho verdadeiro do evangelho na cidade. É digno de nota reparar que o verbo em grego é um termo que vem da democracia grega: *politéueste*! Poderíamos traduzir o termo *viver* da seguinte forma: viver como cidadãos, ou viver a nossa cidadania “por modo digno do evangelho de Cristo para que [...] ouça no tocante a vós outros que estais firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica”.
- 1ª carta de Pedro – Toda a carta é escrita para comunidades urbanas que vivem como minoria num contexto difícil de suspeitas, perseguição e ataques às comunidades cristãs. Pedro escreve para animar o testemunho dessas comunidades e dá muitas orientações para uma vivência sóbria, honesta, santa, incorruptível das pessoas crentes. É palavra de grupo pequeno, minoria impotente diante da estrutura social e política do Império romano, mas que não aceita ficar inerte, passiva, diante da sociedade. Por isto Pedro anima em todo o texto à “prática do bem” (2.14, 3.3; 3.16).

Claro que temos de discernir o que significa tal prática naquele tempo e hoje. Importante é perceber que testemunho cristão não acontece somente na igreja ou reunião de culto, mas no dia a dia, no cotidiano da vivência social. É ali que santificamos a Cristo ao estarmos preparados para “dar razão da esperança que há em nós” (3.15), fazendo-o, todavia, com mansidão e temor; eu diria, com inteligência, sobriedade, firmeza e abertura ao diálogo. Afinal, é assim que podemos dar bom testemunho de Cristo e, eventualmente, envergonhar os que difamam o nosso “bom procedimento”.

- Aquela esperança de “novos céus e nova terra onde habita a justiça” de que fala 2 Pedro 3.13 se insere no mesmo contexto de um grupo minoritário que vivencia sua fé numa cidade plural, cheia de religiões, cultos, poderes opressores de toda ordem.

Para continuar a reflexão

- A fé em Cristo em chave *urbana* é uma fé carregada de esperança. Uma esperança para todos e não somente para nós. Seria muito mesquinho orar por nossa salvação exclusiva. A missão de Deus e o testemunho do evangelho tem uma dimensão *profética* inescapável, muito bem reafirmada pelos estudos do colega Arzemiro no seu livro sobre *A cidade na missão de Deus*, pelo colega Valdir Steuernagel em muitos de seus artigos mais recentes, e também por René Padilla no seu *O que é missão integral?* Destaco uma frase de Padilla, ao referir-se a um pastor negro norte-americano que escreveu o livro *Justiça para todos*: “Esta obra tem um *valor profético*: é um chamado à Igreja evangélica para renunciar [a] sua comodidade e escutar o gemido dos pobres; para deixar de espiritualizar o evangelho e colocar-se a serviço do reino de Deus e sua justiça” (p. 94).

No livro *Missão como compaixão*, afirmei o seguinte a respeito da veia profética do testemunho bíblico: “A compaixão de Deus é irmã da justiça. O Deus bíblico é o Deus da justiça. Assim como não há paz sem justiça, também não compreenderemos a compaixão de Deus se nos esquecermos de relacioná-la com sua justiça. Essas duas realidades traduzem [...] o que podemos entender por amor de Deus ou *hesed*, palavra central da mensagem do profeta Oséias. Aliada à compaixão de Deus, a justiça representa a dimensão profética da *missio Dei*.” (p. 317 ss).

- Por isso, adiante vou atrás da raiz bíblica do conceito compaixão e encontro o seguinte: compaixão, misericórdia, amor, bondade, respeito, clemência, consolo, tratar bem são, em última instância, predicados absolutos de Deus. Ninguém se iguala a ele no céu e na terra nesse sentido. Quando, então, afirmamos que Deus foi justo e nos justificou em Cristo, isto significa que só vamos entender esta obra de Deus *em nós*, quando reunimos numa só experiência o juízo e a graça, a condenação e a redenção, a morte e a vida. Por isto, é que não podemos dissociar a fé da vida, a experiência pessoal da fé que salva e liberta do pecado, da vivência do amor e da solidariedade que levanta o abatido e resgata o pobre desgraçado na beira da estrada.
- A palavra crítica de Jesus aos escribas e fariseus ainda hoje causa polêmica nas comunidades cristãs: “Misericórdia quero, e não holocaustos (sacrifícios), pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores [ao arrependimento]” (Mateus 9.13, citando Oséias 6.6).
- Um bom entendimento do que seja *graça de Deus* no contexto urbano em que vivemos hoje, penso eu, certamente abrirá enormes possibilidades de serviço, de testemunho, de novas experiências no resgate da dignidade humana. Para tanto, todavia, faz-se necessário refletir e reconsiderar o que entendemos por *comunidade urbana*, como colocamos em prática os nossos carismas, potencialidades pessoais,

comunitárias, profissionais, como – enfim – damos testemunho do que recebemos de Deus.

É justamente na *prática da fé* que crescemos na fé, que amadurecemos como discípulos e discípulas de Jesus em nosso contexto. Este é um dos desafios que a *missão urbana* coloca-nos com uma urgência sem precedentes nesse nosso tempo de tanta insegurança, fragmentação, insensibilidade e perda de valores de vida autêntica.

8. Passos concretos para um Projeto de Missão Urbana (Carta de Passo Fundo – 2011²⁵)

- Ler o documento com o Presbitério ou Grupo de Coordenação da Paróquia.
- Anotar dois ou três passos que o grupo considera prioritários para um projeto de missão urbana.
- Enviar ao Sínodo para sistematizar e compartilhar com os demais colegas de ministério.

Referências

- BOFF, Leonardo. *A graça libertadora do mundo*. Petrópolis, Lisboa: Vozes, Multinova, 1976.
- BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – paixão do mundo*. Os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Leonardo; MÜLLER, Werner. *Princípio de compaixão e cuidado*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática Cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1995.
- CARTA-SÍNTESE do Congresso Teológico de Passo Fundo (2011). In: *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo, Ano XXV, nº 101, p. 82-85, junho 2011.
- CASTRO, Clovis Pinto de. *Por uma fé cidadã*. A dimensão pública da igreja. Fundamentos para uma pastoral da cidadania. São Paulo: Loyola, UMESP, 2000.
- COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. Texto condensado e adaptado em espanhol por F. Javier Calvo. Trad. Célia M. Leal. São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. *O Espírito Santo e a libertação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *Viver na cidade*. Pistas para a pastoral urbana. São Paulo: Paulus, 1996.
- _____. *Pastoral urbana*. O dinamismo na evangelização. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DALAI LAMA. *Caminho da sabedoria, caminho da paz*. Depoimento a Felicitas von Schönborn. Trad. Eduardo Simões. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DIAS, Zwinglio M. “Procurai a paz da cidade (...) porque na sua paz vós tereis paz” (Jr 29,7). In *Simpósio*. São Paulo, Ano XXXVII, Vol. 10 (2), nº 47, p. 40-50, novembro 2005.
- FLM. *Missão em contexto*. Transformação – Reconciliação – Empoderamento. Trad. Neila E. Uecker. Curitiba: Encontro, 2006.
- GEORGE, Sherron K. *Participantes da graça: parceria na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal. Quito: CLAI, 2006.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *La fuerza histórica de los pobres*. 2ª ed. Lima: CEP, 1980.
- HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*. O desafio que a cidade representa para a bíblia e à missão de Deus. Curitiba: Encontro, CLAI, Sinodal, 2007.
- JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Tomo II. Madrid: Cristiandad, 1985.

²⁵CARTA-SÍNTESE do Congresso Teológico de Passo Fundo (2011). In: *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo, Ano XXV, nº 101, p. 82-85, junho 2011. Todo este número da revista trata do tema missão e evangelização no contexto urbano.

- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade* (1968). São Paulo: Centauro, 2001.
- LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.
- LICHTLER, Carlos. *Movimento Encontro: 40 anos*. Curitiba: Encontro, 2007.
- LUTERO, Martinho. *Pelo evangelho de Cristo: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma*. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- MEINCKE, Silvio. *O aquário e o mar*. S.l., 2003 (exemplar disponível na Biblioteca de Faculdades EST).
- METZ, Johann B. La compasión. Un programa universal del cristianismo en la época de pluralismo cultural y religioso. In: *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, v. 19, n. 55, p. 25-32, 2002.
- NOVOLHAR. *O que é missão?* São Leopoldo: Sinodal, Ano 10, nº 45, maio/junho 2012.
- NOUWEN, Henri et alii. *Compaixão – reflexões sobre a vida cristã*. São Paulo: Paulus, 1998.
- PADILLA, C. René. *Missão integral*. Ensaios sobre o reino e a igreja. Trad. Emil A. Sobottka. São Paulo: FTL-B, Temática, 1992.
- _____. *O que é missão integral?* Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.
- PAULY, Evaldo Luis. *Cidadania e pastoral urbana*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1995.
- RAMOS, Ariovaldo. Teologia para a cidadania solidária. *Simpósio*. São Paulo, Ano XXXVII, Vol. 10 (2), nº 47, p. 50-54, novembro 2005.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SANDER, Luís Marcos. *Jesus, o libertador*. A cristologia da libertação de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5ª ed.; 2ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2009.
- SAVIANO, Brigitte. *Pastoral das megacidades* Um desafio para a igreja da América Latina. Trad. Monila Ottermann. São Paulo: Loyola, 2008.
- SILVA, Geoval Jacinto da (Org.). *Itinerário para uma pastoral urbana*. Ação do povo de Deus na cidade. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2008.
- SOARES, Afonso Maria L.; PASSOS, João Décio (Orgs.). *A fé na metrópole*. Desafios e olhares múltiplos. São Paulo: Paulinas, EDUC, 2009.
- WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso*. O uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2008.
- ZWETSCH, Roberto E. Espiritualidade e antropologia: um diálogo com Leonardo Boff. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 38, n. 2, p. 141-155, 1998.
- _____. *Missão como com-paixão*. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.
- _____. *Teologia e prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009.
- _____. Missão no século 21 no Brasil: missão como com-paixão. In *Caminhando*. Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. São Bernardo do Campo, Vol. 15, nº 2, p. 34-50, jul./dez. 2010.